

## LIÇÕES DA CRISE DO LEITE

Sebastião Teixeira Gomes<sup>1</sup>

Depois de três anos em “lua-de-mel” com o plano real, a cadeia do leite começou a experimentar as primeiras dificuldades a partir de julho deste ano, as quais foram aumentando com o passar dos meses. Tais dificuldades significaram queda do preço recebido pelo produtor de leite, em pleno período de entressafra; ampliação da diferença entre os preços do leite-cota e excesso; e a recusa, por alguns laticínios, de recebimento de todo leite classificado como excesso.

Na explicação da crise do mercado do leite, existem argumentos relacionados com oferta, e outros, com demanda. Do lado da oferta está a crescente produção de leite do país, especialmente a produtividade e a significativa importação de lácteos, enquanto do lado de demanda, não se observou crescimento como nos anos anteriores, decorrente das medidas de ajuste econômico aplicadas a partir do segundo semestre.

Nos últimos três anos, a produção de leite, no Brasil, aumentou 1,5 bilhão de litros, a cada ano. No mesmo período, a produção de leite da Argentina aumentou 300 milhões de litros, a cada ano, o que significa que a produção, no país, cresceu cinco vezes mais que a da Argentina.

Outro indicador das rápidas transformações que estão ocorrendo na produção de leite do país é a sazonalidade da produção. Nos últimos quatro anos, a taxa de crescimento da produção da seca foi maior que a das águas. Atualmente, a diferença entre as produções dos meses de janeiro (maior produção) e de setembro (menor produção) é 28%. Tal diferença, num passado não muito distante, era 50% e até 70%, em algumas regiões.

Além da produção doméstica, outro componente da oferta é a importação. Ela já é tradicional no Brasil, e a deste ano não é a maior de nossa história. Transformando as importações de lácteos em equivalentes a litros de leite, verifica-se que, em 1995, foram importados 3.200 milhões, correspondentes a 18% da produção do país; em 1996, 2.450 milhões, correspondentes a 12% da produção; e, em 1997, as importações devem chegar a 2.000 milhões, correspondentes a 10% da produção doméstica. Nos últimos três anos, as importações de lácteos diminuíram, tanto em valores absolutos quanto em relação à produção nacional.

Embora a importação de lácteos, deste ano, tenha sido menor que dos dois anos anteriores, os “estragos” que ela está fazendo agora são bem maiores que nos dois anos anteriores; isto porque a produção doméstica aumentou; o crescimento da demanda, neste ano, foi menor, houve aumento da importação feita pelos “sem fábrica”. Tudo isto desembocou numa crise no mercado que atinge produtores e industriais.

---

<sup>1</sup> Professor Titular da Universidade Federal de Viçosa. Escrito em 08-12-97

Com relação aos argumentos de demanda, observa-se que leite e derivados têm grande sensibilidade à variação de renda do consumidor. Por exemplo, quando a renda aumenta 10%, o consumo de leite e, principalmente, de derivados aumenta mais do que 10%. O mesmo acontece quando a renda diminui em 10%, o consumo reduz mais que 10%. As medidas de ajuste econômico, aplicadas a partir do segundo semestre, afetaram muito o consumo de lácteos, cujo crescimento foi pequeno.

Diante desse quadro tão sombrio, pelo menos três lições podem ser tiradas, com vistas a um futuro melhor: A primeira diz respeito às importações de lácteos que, freqüentemente, são realizadas com subsídios, prazo de pagamento elevado e financiamento do país de origem com baixas taxas de juros. Individualmente, o produtor muito pouco pode fazer para conter essa concorrência tão desleal. Entretanto, por meio de seus representantes, muito pode ser feito, como, aliás, já está acontecendo. Por isto, a primeira lição é a crescente necessidade do produtor em participar, efetivamente, de suas entidades de classe.

A segunda lição refere-se à demanda de lácteos. Embora o consumo médio tenha crescido muito nos últimos anos, ele está longe das recomendações dos organismos internacionais de nutrição humana. Para que o consumo cresça ainda mais, a propaganda sobre as qualidades dos lácteos é uma necessidade prioritária.

Com relação à questão de propaganda, dois lembretes: 1) Ela deve resultar da interação do produtor e a indústria laticinista. Há necessidade de se constituir um fundo, resultante desta interação, para defender os interesses do produtor e da indústria láctea, como já acontece em muitos países onde a pecuária é mais evoluída; e 2) a propaganda deve ser contínua e não apenas nos momentos de crise do mercado.

A terceira lição diz respeito à produção de leite. Cada vez mais, o sucesso da produção dependerá da capacidade do empresário de ajustar seu sistema de produção às mudanças do mercado. A flexibilização dos sistemas de produção é um desafio para o produtor. Isto, às vezes, não é fácil, mas precisa de ser feito, sob pena de não suportar as conseqüência das mudanças do mercado. Para enfrentar este desafio, a aplicação de conceitos modernos de gerenciamento da produção (tais como estabelecimento de metas, custos por setores e avaliação) é tão importante quanto a adoção de insumos chamados modernos. A terceira lição pode ser resumida em flexibilização dos sistema de produção e gerenciamento da atividade. Sem isto, é pouco provável a permanência, como produtor de leite.